

O VALOR QUE NÃO TEM FAIXA NEM BOTON

Autor: Adelar João de Ogregon

Fluorescência de uma cultura sadia e sólida,
que une gerações sob o mesmo galpão.
Memória do passado vivida no presente.
Ser prenda ou peão é mais do que vestir a pilcha,
é carregar no peito o orgulho de um povo
que aprendeu, com trabalho e lida dura,
impor respeito e adquirir valor.

A cultura segue viva com devoção.
Na jornada de um concurso de prendas e peões,
há noites claras e dias turvos, mas a missão é nobre,
de rico conhecimento,
vai muito além de um gesto simples ou de um único momento.

Nesse ofício há uma essência ancestral,
herança dos povos antigos,
que fizeram abrigo nas argolas deste bocal.
É lindo ver jovens, em sua plena mocidade,
empregando tempo e suor
para não deixar morrer este legado,
dando vida renovada a cada concurso feito.

Tem prenda mirim, juvenil, adulta, veterana e até Xiru,
são netas e avós na mesma comunidade,
lidando com perfeição no artesanato e na bóia campeira,
tecendo esse manto com amor e determinação,
transpondo o tempo para as novas gerações.

Há lenda e conto, declamação,

interpretação da vida e do cotidiano.

Lá na mangueira, o peão guri boleia o laço firme
na vaquinha parada.

O olhar atento do campeiro velho
norteia as primeiras armadas.

Tem o guri juvenil que se arrisca numa prova de rédea,
o peão adulto que enfrenta a castração,
e o veterano que conduz o reponte completo,
do aparte ao campo aberto, até a marcação.

O velho Xiru, da marca grande,
observa sem dizer nada.
Sua presença impõe respeito.
Quem vê calado entende:
que é saudade dos tempos antigos,
da tenra idade.

A mesa avaliadora tem dura missão:
julgar com alma,
para entender a beleza na simplicidade,
sem deixar que a escolha seja por vaidade.

A vivência tradicional carrega marcas do passado,
cheiro de coisa antiga,
gosto de simplicidade.
Tem prenda tímida, de fala trêmula,
outras, que são letradas, encantam com a fala linda, voz bem marcada.

Termina o concurso, mas segue o mesmo legado.
Tem quem pendura a faixa e guarda o sorriso,
outras engolem o choro, voltam para casa

e seguem buscando o que faltou.

Já há projeto em andamento, oficina pra encanamento,
muita coisa pra aprender para o próximo concurso que vem aí.
Lá na mangueira, o velho peão
segue no mesmo tranco.
Com boton no peito ou sem ele, não muda o jeito.

A lida campeira não conhece o berço da vaidade.
No vasto campo aberto,
tem capão de mato, várzea e arvoredos,
têm sombra buena pras horas quentes,
tem fogo acesso e uma costela gorda
que o gaúcho chama de felicidade.

Na prova escrita, o laço aperta e não tem relevo.
Nesse brete decide o jogo de arrancada:
quem erra duas armadas já perde o freio.
Se tiver muita sorte, termina a prova montado em pelo.

Quem vive a lida com muita paixão às vezes esquece e estuda pouco,
e isso não é demérito pra ninguém.
Tem, nesse ofício, a opção de herdar a vitória das mais letradas,
e ainda encerar a gestão com pose de campeã.

No peso da faixa nobre encontram força e afirmação,
vontade de seguir e coragem para tentar de novo o desafio,
e quem sabe, um dia, ser prenda da CBTG.
Cada uma tem seu tempo e sua chance.
Se não deu na mirim, tenta na juvenil.

Se mesmo assim não deu, segue firme no mesmo rumo.

O tempo anda, e quem persiste, um dia alcança.

Tem muitas chances e sempre um jeito.

Tem adulta, tem veterana,

e se tu pensa que acabou,

tem a Xiru, que acolhe teu conhecimento.